



ISSN 2359-5051

Revista Diálogos Interdisciplinares

GEPFIP/UFMS/CPAQ

Grupo de Estudos e Pesquisa em Formação Interdisciplinar
de Professores

UMA BREVE REVISÃO SISTEMÁTICA SOBRE SISTEMAS DE COMUNICAÇÃO NA SURDOCEGUEIRA: APRESENTANDO A COMUNICAÇÃO SOCIAL HÁPTICA A PARTIR DO USO DA AUDIODESCRIÇÃO

A BRIEF SYSTEMATIC REVIEW ON COMMUNICATION SYSTEMS IN DEAFBLINDNESS: INTRODUCING HAPTIC SOCIAL COMMUNICATION USING AUDIO DESCRIPTION

Adriana da Paixão Santos¹

Vera Lucia Gomes²

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo apresentar uma revisão sistemática de estudos sobre os sistemas de comunicação mais utilizados para o estabelecimento de comunicação da pessoa surdocega com o mundo. Optou-se por publicações nacionais e internacionais, que focassem na formação de guias-intérpretes e como eles aprendem e utilizam tais sistemas no atendimento de pessoas surdocegas. Foram consultados artigos publicados em periódicos online, livros sobre surdocegueira e material didático referente à formação de guias-intérpretes. Foram selecionadas publicações dos últimos quinze anos, ou seja, de 2008 a 2023. Os critérios de seleção foram compostos por termos como: surdocegueira, sistemas de comunicação, comunicação social háptica, guia-intérprete e audiodescrição. Após a seleção, os autores mais presentes na pesquisa foram aqueles que apresentam uma rica base na pesquisa, formação profissional e atendimentos relacionados à surdocegueira. A revisão possibilitou a análise da formação de guias-intérpretes para a aprendizagem e posterior ensino de sistemas de comunicação adequados a cada indivíduo com esta especificidade. Os estudos indicaram a ausência do uso da audiodescrição nessa formação, que poderia auxiliar o sujeito surdocego a construir seu repertório cognitivo, abrangendo aspectos linguísticos e a formação de conceitos de modo autônomo. Conclui-se que se faz necessário reavaliar as formações continuadas para guias-intérpretes, a fim de oferecer às pessoas com surdocegueira mais uma estratégia de apreensão e formação de conceitos.

Palavras-chave: Surdocegueira. Guia-intérprete. Sistemas de comunicação. Comunicação social háptica. Audiodescrição.

¹ Graduada em Letras Vernáculas com Língua Inglesa (Universidade Católica do Salvador); Mestra em Letras (Universidade do Estado da Bahia), Doutora em Língua e Cultura (Universidade Federal da Bahia). E-mail: adrianasantos20@gmail.com.

² Graduada em Pedagogia, pós graduada em Educação Especial e Inclusiva, Psicopedagoga, Mestre e Doutora em Educação. Docente da Universidade Federal de MS/Aquidauana. E-mail: vera.lucia@ufms.br.

ABSTRACT

This research aims to present a systematic review of studies on the communication systems most used for the establishment of communication between deafblind people and the world. We opted for national and international publications that focused on the training of guide-interpreters and how they learn and use such systems in the care of deafblind people. Articles published in online journals, books on deafblindness and didactic material regarding the training of guide-interpreters were consulted. Publications from the last fifteen years were selected, that is, from 2008 to 2023. The selection criteria were composed of terms such as: deafblindness, communication systems, haptic social communication, guide-interpreter and audio description. After the selection, the authors most present in the research were those who have a rich base in research, professional training and care related to deafblindness. The review made it possible to analyze the training of guide-interpreters for learning and subsequent teaching of communication systems appropriate to each individual with this specificity. The studies indicated the absence of the use of audio description in this training, which could help the deafblind subject to build his cognitive repertoire, covering linguistic aspects and the formation of concepts autonomously. It is concluded that it is necessary to reevaluate the continuing education for guide-interpreters, in order to offer people with deafblindness another strategy of apprehension and formation of concepts.

Keywords: Deafblindness. Guide-interpreter. Communication systems. Haptic social communication. Audio description.

1. INTRODUÇÃO

Num mundo dominado pelas imagens e sons da vida cotidiana, é fácil dar como certo o simples ato de comunicação. No entanto, para a comunidade surdocega, este aspecto fundamental da conexão humana assume uma dimensão totalmente diferente. Os indivíduos surdocegos enfrentam o desafio único de navegar numa vida onde os canais convencionais de comunicação – visão e audição – são limitados ou inexistentes. No Brasil, como em muitas partes do mundo, um grupo dedicado de profissionais, conhecidos como guias-intérpretes, emergiu como canais de conexão indispensáveis, permitindo que esses indivíduos com se comuniquem, acessem informações e se envolvam com seu ambiente.

Este artigo tem os objetivo apresentar uma revisão sistemática de estudos sobre os sistemas de comunicação mais utilizados para o estabelecimento de comunicação da pessoa surdocega e uma exploração sistemática sobre a formação de guias-intérpretes e sobre como desempenham na ponte entre os indivíduos surdocegos e o mundo ao seu redor, com foco especial no Brasil. Por meio de uma breve revisão sistemática, nos aprofundamos em alguns programas e práticas de treinamento que equipam esses guias-intérpretes com as habilidades e sensibilidades únicas necessárias para facilitar a comunicação eficaz e a audiodescrição para a comunidade surdocega.



Assim, foi possível descobrir as complexidades, desafios e triunfos dos sistemas de comunicação no domínio da surdocegueira, obtendo *insights* sobre como os guias-intérpretes no Brasil estão abrindo novos caminhos para melhorar a vida daqueles que prosperam além do silêncio e da escuridão.

2. VIVENDO ALÉM DO SILENCIO E DA ESCURIDÃO: ENTENDENDO A SURDOCEGUEIRA

Imagine um mundo onde a comunicação não depende da visão ou do som, mas do toque e de uma forma única de conexão que transcende os limites da interação humana típica. Este é o mundo dos surdocegos, indivíduos que enfrentam o desafio de viver uma vida sem a capacidade de ouvir ou ver. A surdocegueira é uma deficiência sensorial rara e complexa que apresenta obstáculos e oportunidades únicas para quem a vivencia.

Este tópico traz um breve estudo teórico sobre surdocegueira, sistemas de comunicação, programas de formação e audiodescrição, além de apresentar a comunicação social háptica enquanto estratégia comunicacional que pode ser beneficiada com o uso da audiodescrição.

2.1 O que é surdocegueira?

A surdocegueira é uma condição que ocorre quando um indivíduo experimenta perda ou deficiência significativa na audição e na visão. Não é simplesmente a soma de ser surdo e cego; pelo contrário, é a convergência destas perdas sensoriais que cria uma experiência distinta. O grau de deficiência pode variar amplamente entre os indivíduos, com alguns apresentando visão ou audição residual parcial, enquanto outros são completamente desprovidos de ambos os sentidos, o que afirma as palavras de Mello e Bernardo (2013):

A surdocegueira não é uma deficiência fácil de ser determinada, uma vez que estabelecer uma combinação numérica, quantitativa, entre graus de perda auditiva e visual e funcionalidade é praticamente impossível. Serão os fatores individuais, a capacidade de adaptação à nova condição, as oportunidades de acesso a programas de reabilitação que darão a tais indivíduos uma melhor ou pior qualidade de comunicação e, consequentemente, uma melhor interação com seus familiares, amigos, relações sociais e de trabalho (Mello & Bernardo, 2013, p. 7).

As autoras sinalizam, portanto, que a surdocegueira é uma questão singular de uma deficiência sensorial única, que afeta o desenvolvimento, a socialização e a comunicação do indivíduo. Segundo Maia (2021), a surdocegueira também pode vir associada às seguintes condições: deficiência física, deficiência intelectual e transtorno do espectro autista, sendo que cabe à sociedade garantir-lhe diferentes formas de comunicação e Tecnologia Assistiva para que



ela possa interagir com o meio social e o meio ambiente promovendo: acessibilidade, mobilidade urbana e uma vida social com qualidade.

2.2 Surdocegueira: Causas e Desafios

Segundo Vilela (2020), a classificação para surdocegueira que considera aquela realizada pelo surdocego espanhol Daniel Alvarez Reyes, fundador da Asocide (Asociación de Sordociegos de España), conforme descrito a seguir:

Grupo 1 — envolvendo os surdocegos congênitos por causas pré-natais ou perinatais, sendo verificado o comprometimento de dois sentidos sensoriais no nascimento ou nos primeiros momentos de vida. Essas pessoas têm um alto grau de comprometimento de perdas sensoriais e necessitam de atendimento especializado precoce, para que ocorra o desenvolvimento adequado e para que consigam estabelecer comunicação de forma natural e estruturada;

Grupo 2 — formado pelos surdocegos com deficiência auditiva congênita e que adquirem a deficiência visual posteriormente. Estes surdocegos geralmente utilizam a língua sinalizada (no caso do Brasil, a Língua Brasileira de Sinais) como língua materna, possuindo uma comunicação fluente dessa forma. A Libras continua sendo utilizada até a perda total da visão. Os próprios sujeitos desse grupo criam mecanismos para adaptar a comunicação e acesso à informação em conjunto com a língua já utilizada. No processo educacional é inserido o aprendizado do Braille como recurso complementar de comunicação, leitura e escrita;

Grupo 3 — formado pelos surdocegos com deficiência visual congênita e que adquirem a deficiência auditiva posteriormente. Esses sujeitos utilizam o tato para escrita e leitura em Braille e possuem um sistema de informações completo adquirido pela audição, necessitando de adaptações táteis para a recepção das informações.

Grupo 4 — compreendido pelos sujeitos que nasceram com todos os sentidos sensoriais preservados e adquiriram a surdocegueira em alguma fase da vida. Esses surdocegos possuem como processo natural de comunicação a oralização, e necessitam estabelecer outras formas individualizada, de comunicação para recepção de informação. A escolha pela forma de comunicação se dará de maneira individualizada, de acordo com resíduos (visual/auditivo) e/ou preferências (Vilela, 2020, p. 44 – 45).

Algumas causas comuns incluem síndromes congênitas, distúrbios genéticos, síndrome de Usher, infecção por rubéola durante a gravidez e condições relacionadas à idade, como a síndrome de Usher. De acordo com Bosco, Maia e Mesquita (2010; 2021), temos que na surdocegueira congênita, a criança já nasce na condição ou adquire a surdocegueira nos primeiros anos de vida antes da aquisição de uma língua (português ou Língua Brasileira de Sinais – Libras). Exemplos mais frequentes desses casos são crianças com sequelas da síndrome da rubéola congênita, zika vírus, citomegalovírus, toxoplasmose, sífilis e síndromes genéticas. Já na surdocegueira adquirida, a pessoa passa a ter a condição de surdocegueira após a aquisição de uma língua, ou seja, oral ou sinalizada. Os exemplos mais frequentes desse grupo são pessoas com síndrome de Usher, pelas consequências da diabetes ao longo da vida e das sequelas de meningite.

Os desafios enfrentados pelos indivíduos com surdocegueira são multifacetados. A comunicação torna-se um obstáculo significativo, uma vez que os métodos tradicionais, como a fala ou a linguagem gestual, podem ser difíceis ou impossíveis de utilizar. O acesso à informação,



à educação e ao emprego também se torna mais complexo. Além disso, a navegação e a orientação podem ser grandes desafios, pois a perda da audição e da visão dificulta a interação com o ambiente e com outras pessoas.

2.3 Comunicação e Conexão

Indivíduos surdocegados muitas vezes desenvolvem seus próprios métodos de comunicação, adaptados às suas preferências e habilidades pessoais. A sinalização tátil, onde a linguagem de sinais é adaptada para ser sentida através do toque, é um método comum. A ortografia dos dedos na palma da mão, a sinalização manual e o Braille³ também são ferramentas importantes para a comunicação.

A tecnologia desempenhou um papel crucial na melhoria da comunicação e conectividade para a comunidade surdocegada. Para a surdocegueira, é essencial o desenvolvimento do sistema háptico que, segundo o LABTATE (s.d., on-line),

[...] está relacionado com a percepção de textura, movimento e forças através da coordenação de esforços dos receptores do tato, visão, audição e propriocepção. É uma função que depende da exploração ativa do ambiente, seja este estável ou em movimento (LABTATE, on-line, s.d.).

Dispositivos táteis que convertem texto em Braille, aplicativos de comunicação que facilitam conversões de texto para fala e de fala para texto e dispositivos hápticos⁴ que traduzem informações visuais ou auditivas em feedback tátil contribuíram para preencher a lacuna de comunicação.

Os sistemas de comunicação para indivíduos surdocegados são projetados para preencher a lacuna entre suas deficiências sensoriais e a necessidade de interagir com o mundo ao seu redor. Esses sistemas geralmente dependem de pistas táteis, auditivas e visuais para facilitar a comunicação. Cambruzzi e Costa (2016) informam que os sistemas de comunicação pensados para favorecer as interações sociais com/entre pessoas surdocegadas iniciam-se a partir de recursos mais simples, como gestos, toques, movimentos corporais simples, até que seja possível a

³ Criado em 1839, oficializado em Paris em 1843 e introduzido no Brasil em 1854, o Sistema Braille foi idealizado por Louis Braille, com o objetivo de possibilitar às pessoas com deficiência visual, parcial ou total o acesso à leitura e escrita. Conhecido pelo nome de "Braille", o código é constituído por 63 sinais formados a partir do conjunto matricial :: (pontos 123456). Este conjunto de seis pontos chama-se, por isso, *sinal fundamental*. O espaço por ele ocupado, ou por qualquer outro sinal, denomina-se *cela braille* ou *célula braille* e, quando vazio, é também considerado por alguns especialistas como um sinal, passando assim o sistema a ser composto por 64 sinais (Brasil, 2018, p. 17 - adaptado).

⁴ Dispositivos hápticos são equipamentos cujas interfaces homem-computador associam gestos ao toque e à cinestesia, com o intuito de prover um meio de comunicação mais natural entre homens e máquinas. Podem ser: **ativos**, aqueles em que a troca de energia entre o usuário e a máquina é um fruto exclusivo da forma em que o retorno é fornecido; **passivos**, aqueles geralmente projetados para terem uma dissipação programável, como função da posição ou do tempo. São exemplos: o aparelho celular, os equipamentos de realidade virtual (Loyola, 2012, p. 36-40).



inserção de outros meios de comunicação mais complexos, como sistemas pictóricos, Braille comum e tátil, Libras comum, libras tátil e, mais atualmente, a comunicação social háptica.

Cambruzzi e Costa (2016), para fins de organização de um sistema comunicacional eficiente para cada sujeito surdocego, elaboraram dois quadros que, inicialmente, classificam os sistemas de comunicação de acordo a possibilidade cognitiva de cada um:

Quadro 1 – Classificação dos sistemas de comunicação

| | |
|---|--|
| Sistemas alfabéticos | <ul style="list-style-type: none">• Sistema datilológico: Visual-tátil; Tátil ou na palma da mão.• Escrita em letras maiúsculas: Braille manual |
| Sistemas não alfabéticos ou sinalizados | <ul style="list-style-type: none">• Língua de sinais: Libras tátil• Comunicação social háptica |
| Sistemas baseados na língua oral | <ul style="list-style-type: none">• Escrita em braille |
| Sistemas baseados em códigos de escrita | <ul style="list-style-type: none">• Placas e cartões de comunicação; Mensagens em Braille. |

Fonte: Autoria da pesquisadora, adaptada de Cambruzzi e Costa (2016, p. 78)

Assim, alguns dos principais sistemas de comunicação usados pela comunidade surdocega são (Cambruzzi e Costa, 2016):

- a) Libras tátil: A sinalização tátil envolve o uso de uma forma modificada de língua de sinais, onde os sinais são comunicados por meio do toque, não da visão. O surdocego coloca as mãos sobre as mãos do sinalizante para sentir os movimentos e gestos que representam palavras e conceitos.
- b) Datilologia Tátil com os dedos: A ortografia com os dedos é uma técnica em que letras individuais são traçadas na palma da mão para soletrar palavras. Isso pode ser usado para transmitir palavras, nomes ou conceitos específicos que podem não ter um sinal correspondente.
- c) Braille tátil: é um sistema de escrita tátil que usa pontos em relevo para representar letras, números e até notação musical. Indivíduos surdocegos podem usar Braille para ler e escrever, permitindo-lhes acessar informações escritas e comunicar-se por meio de mensagens escritas.
- d) Gráficos táteis: Gráficos táteis são imagens em relevo que transmitem informações visuais por meio do toque. Esses gráficos são particularmente úteis para transmitir conceitos que são difíceis de representar apenas por meio de texto ou fala, como mapas, diagramas e imagens.
- e) Dispositivos de comunicação tátil: dispositivos hápticos usam vibrações ou feedback tátil para transmitir informações. Por exemplo, um dispositivo háptico pode traduzir palavras faladas ou sons ambientais em vibrações que o indivíduo pode sentir, permitindo-lhe “sentir” o som.
- f) Aplicativos de comunicação tátil: Existem aplicativos móveis projetados para smartphones e tablets que permitem que indivíduos surdocegos se comuniquem usando interfaces baseadas



em toque. Esses aplicativos geralmente oferecem opções de conversão de texto em fala e de fala em texto, bem como entrada em Braille.

g) Quadros de comunicação: Os quadros de comunicação são quadros físicos ou digitais com símbolos, imagens ou palavras que podem ser apontados ou tocados para transmitir mensagens. Algumas placas de comunicação são projetadas especificamente para comunicação tátil.

É importante observar que o sistema de comunicação utilizado pode variar de acordo com as preferências do indivíduo, o nível de deficiência sensorial e a familiaridade com os diferentes métodos. Muitos indivíduos surdocegos utilizam uma combinação destas técnicas para comunicar eficazmente com outras pessoas e aceder à informação, adaptando os seus métodos a diferentes contextos e necessidades.

Mas, ao abordarmos os diversos sistemas de comunicação, não é possível pensarmos a surdocegueira sem a presença do Guia-intérprete, um profissional especialmente treinado que facilita a comunicação e a interação dos indivíduos surdocegos. A Lei nº 14.704/2023⁵ que dispõe sobre o exercício profissional e as condições de trabalho do profissional tradutor, intérprete e guia-intérprete da Língua Brasileira de Sinais (Libras) (Brasil, 2023), representa um marco na inclusão de pessoas surdocegas no Brasil, ao regulamentar a profissão de guia-intérprete. Essa lei, que altera a Lei nº 12.319/2010, define o guia-intérprete como profissional que domina pelo menos uma forma de comunicação utilizada por surdocegos, como Libras tátil, Braille, alfabeto manual e outras técnicas. A formação do guia-intérprete exige cursos de qualificação ou curso superior na área, com conhecimentos em Libras, Braille, técnicas de guia e outras formas de comunicação.

A jornada de trabalho desse profissional é de 6 horas diárias ou 30 horas semanais, e o trabalho de tradução e interpretação com duração superior a uma hora deve ser realizado em regime de revezamento, com no mínimo dois profissionais. A lei garante o acesso à comunicação, informação, educação e cultura para pessoas surdocegas, assegurando a qualidade dos serviços prestados e o reconhecimento profissional dos guias-intérpretes.

Outras leis, como o Decreto nº 5.626/2005 que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais e a Lei nº 13.146/2015, a Lei Brasileira de Inclusão ou Estatuto da Pessoa com Deficiência, complementam a legislação sobre os direitos e a inclusão das pessoas com deficiência, incluindo as pessoas surdocegas. A regulamentação da profissão de guia-intérprete é essencial para garantir a autonomia e a participação plena das pessoas surdocegas na sociedade.

Os métodos citados podem ser utilizados de forma combinadas para auxiliar na

⁵ Disponível em: <https://normas.leg.br/?urn=urn:lex:br:federal:lei:2023-10-25;14704>. Acesso em: 16 jan. 2025.

comunicação e transmitir informações, favorecendo, assim, a interação entre os indivíduos com surdocegueira e o mundo ao seu redor. Estas pessoas desempenham um papel fundamental na garantia do acesso à educação, à formação profissional e à integração social.

Organizações dedicadas à comunidade surdocega no Brasil, como a Associação Educacional para Múltipla Deficiência (AHIMSA)⁶ e o Grupo Brasil de Apoio ao Surdocego e ao Múltiplo Deficiente Sensorial, fornecem recursos, promovem discussões, senso de comunidade, trabalhando para aumentar a conscientização sobre a surdocegueira, promover a inclusão e colaborar com pesquisadores para desenvolver soluções inovadoras para os desafios únicos enfrentados por esta comunidade.

À medida que a tecnologia continua a avançar, novas ferramentas e técnicas de comunicação estão a ser desenvolvidas para melhorar a experiência de comunicação dos indivíduos surdocegos, promovendo uma maior independência e participação na sociedade.

No Brasil, a formação de guia-intérprete tem como grande polo o Grupo Brasil de Apoio ao Surdocego e ao Múltiplo Deficiente Sensorial, instituição criada em 1997 e institucionalizada como organização civil, de caráter social, sem fins lucrativos em 22 de outubro de 1999, e traz como objetivos⁷:

- a) Coordenar e executar na sua área de jurisdição os objetivos, programas e política do Grupo Brasil;
- b) Promover o reconhecimento e Consciência da Surdocegueira como uma deficiência única que afeta crianças, jovens, adultos e idosos;
- c) Promover atividades que possibilitem experiências reais que favoreçam as habilidades da pessoa com surdocegueira, surdez e com deficiência múltipla sensorial e que complementem atividades realizadas no espaço escolar da rede municipal, visando uma aprendizagem significativa, desenvolvimento global das pessoas com deficiência envolvidas, na modalidade e sua inserção social e educacional.

A instituição oferece formação para guia-intérprete há alguns anos, tendo convênios com secretarias estaduais e municipais, com vistas a melhoria do atendimento da pessoa surdocega. Acessando o cronograma da formação de guias-intérpretes da instituição⁸, é possível encontrar uma aula abordando a audiodescrição para esse profissional, mas não há um aprofundamento do que já existe ou mesmo a adaptação deste recurso nessa formação, enfocando a importância de

⁶ Ahimsa - Associação Educacional para Múltipla Deficiência, localizada na cidade de São Paulo. Fundada em 1991, a instituição atende adolescentes, jovens e adultos com deficiência múltipla sensorial, a partir de 06 anos até 30 anos de idade, matriculados na Rede Municipal de Educação na Cidade de São Paulo ou encaminhados pela rede municipal na condição de comunidade (www.ahimsa.org.br).

⁷ Disponível em: <https://apoioaosurdocego.com.br/#objetivo>. Acesso em: 16 jan. 2025.

⁸ Disponível em: <https://grupobrasilsurdocegueira.org/mod/resource/view.php?id=661>. Acesso em: 16 jan. 2025.



se apropriar dos elementos componentes da AD⁹ como forma de auxiliar a pessoa surdocega na formação de conceitos de forma autônoma.

Conforme será apresentado no próximo tópico, a audiodescrição não somente serve para descrever uma imagem, seja estática ou dinâmica, mas também é de suma importância na Comunicação Social Hápatica, uma vez que conceitos podem ser gerados pela pessoa surdocega, na interação com outros indivíduos e com seus guias-intérpretes.

3. CONECTANDO-SE POR MEIO DO TOQUE E DAS PALAVRAS: EXPLORANDO A COMUNICAÇÃO SOCIAL HÁPTICA E A AUDIODESCRIÇÃO PARA INDIVÍDUOS SURDOCEGOS

A comunicação é a pulsação da conexão humana e, ainda assim, para aqueles que vivenciam o mundo sem o dom da visão e do som, os caminhos da conexão assumem uma forma notável e matizada. A surdocegueira, uma condição que entrelaça a escuridão e o silêncio, desafia-nos a reimaginar as formas como interagimos e partilhamos informações. Nesta exploração, aventuramo-nos nos domínios da comunicação social hápatica e da audiodescrição – duas pontes vitais que atravessam a lacuna entre o mundo sensorial e o reino das ideias.

A Comunicação Social Hápatica (CSH) tem seu primeiro registro datado de 1991, quando Riitta Lahtinen compartilhou os primeiros sinais hapticos “sim”, “não”, “chagada” e “saída”, durante o Congresso Internacional de Surdocegueira, realizado em Orebo, na Suécia (Vilela, 2020). Segundo Palmer e Lahtinen (2013),

[...] a CSH¹⁰ inclui haptices (mensagens táteis), que, por sua vez, são compostos por haptemas (também conhecidos como elementos gramaticais. Por definição, a CSH refere-se a mensagens táteis que ocorrem numa interação entre duas ou mais pessoas, em um contexto social (pessoa-pessoa) (Palmer & Lahtinen, 2013).

A Comunicação Social Hápatica (Palmer; Lahtinen, 2012), um campo inovador que explora o toque como forma de comunicação interpessoal, foi desenvolvida e aprofundada por Riitta Lahtinen e Russ Palmer. Lahtinen, pesquisadora com doutorado em Ciências do Comportamento pela Universidade de Helsinki, e Palmer, musicoterapeuta, uniram seus conhecimentos para criar uma estrutura filosófica que define os "haptices" como mensagens táteis e os "haptemas" como a gramática dessas mensagens.

Essa abordagem inovadora surgiu da necessidade de comunicação com pessoas surdocegas, que enfrentam desafios únicos na interação social. A Comunicação Social Hápatica

⁹ Sigla para Audiodescrição.

¹⁰ Sigla para Comunicação Social Hápatica.



utiliza o toque para transmitir informações, emoções e experiências, abrindo um canal de comunicação rico e expressivo.

Imaginemos, por exemplo, descrever uma paisagem para uma pessoa surdocega: em vez de palavras, a Comunicação Social Hápatica utiliza toques suaves para representar a brisa, toques mais fortes para as ondas do mar e movimentos circulares para o sol. Essa técnica permite que a pessoa surdocega construa uma imagem mental do ambiente, experimentando-o de forma sensorial.

Lahtinen e Palmer desenvolveram diversas técnicas e métodos para a aplicação da Comunicação Social Hápatica, como o "Body Story", que utiliza o corpo como tela para contar histórias através do toque. Seus trabalhos pioneiros têm impactado a vida de pessoas surdocegas, promovendo a inclusão social e o desenvolvimento da comunicação.

A Comunicação Social Hápatica transcende as barreiras da linguagem verbal e abre um leque de possibilidades para a comunicação humana. Através do toque, podemos nos conectar de maneira profunda e significativa, expressando emoções, compartilhando experiências e construindo relações interpessoais.

Witcombe (2019), completa esta definição informando que os haptemas podem conter informações complementares sobre emoções, expressões faciais, ou até mesmo algo referente a música ou elementos visuais em uma apresentação teatral, por exemplo, além de salientar que "... a CSH não é uma substituição da língua de sinais, mas oferece à pessoa surdocega um recurso de obtenção de informações adicionais"¹¹ (Witcombe, 2019, livre tradução da autora).

A CSH, uma dança de toque e gesto, permite que o surdocego se comunique e experimente o mundo através da rica tapeçaria de sensações tátteis. Num mundo onde as palavras podem ser silenciosas e os sinais invisíveis, a linguagem tático surge como uma tábua de salvação, permitindo a troca de pensamentos, emoções e histórias. À medida que os dedos traçam caminhos e formas nas palmas e as mãos se envolvem num intrincado diálogo de toque, um universo de significado se desenrola.

Complementando a linguagem tática, a audiodescrição abre as portas da narrativa visual para quem não consegue ver. Ao verbalizar os detalhes visuais de filmes, performances e obras de arte, a audiodescrição pinta uma tela vívida de imagens por meio de palavras. No teatro da mente, pessoas com deficiência visual são convidadas a participar da beleza e das narrativas que as cores e as formas dão vida.

¹¹ Social haptics is not a substitute for sign language but provides the person with deafblind with additional information.

3.1 Apresentando a Audiodescrição

A audiodescrição é considerada uma modalidade de tradução intersemiótica, na qual ocorre uma recodificação de signos não verbais em verbais, que oferece uma descrição das informações visuais que não estão contidas no diálogo, tais como expressões faciais, gestos, ambientes, dentre outros. Logo, descrever as imagens é traduzi-las em palavras, oferecendo uma construção do retrato verbal de pessoas, paisagens, objetos, cenas e ambientes, sem expressar julgamento ou opiniões pessoais a respeito.

Franco (2018) conceitua a audiodescrição como:

[...] uma modalidade de tradução audiovisual (TAV) intersemiótica que objetiva, prioritariamente, o acesso de pessoas com deficiência visual a produtos visuais (obras de arte, ilustrações, gráficos e fotos, por exemplo) e audiovisuais (filmes, peças de teatro, espetáculos de dança, conferências, eventos esportivos, e outros) através da tradução de signos visuais em signos acústicos, ou seja, da transformação de imagens em palavras [...] (Franco, 2018, p. 2).

A pesquisadora apresenta o público com deficiência visual como sendo prioritário para o trabalho da Audiodescrição. No mesmo artigo, Franco traz a informação de que, conforme Díaz Cintas (2007; 2007a) na Europa, e Motta (2016) no Brasil, os usuários de quaisquer produtos audiodescritos podem ser também pessoas com deficiência intelectual, com déficit de atenção, dislexia ou idosos e até mesmo aqueles “[...] que não possuem deficiências, mas que se favorecem da AD em alguma situação, como por exemplo, ao assistirem um filme com AD enquanto dirigem” (Díaz Cintas, 2007, p. 49).

Um dos primeiros dispositivos legais que trata da acessibilidade informacional é o Decreto nº 5.296/2004, que reforça a obrigatoriedade, especialmente em produções audiovisuais que utilizam recursos públicos. A Portaria nº 310/2006 do Ministério das Comunicações, embora revogada em partes, ainda serve como referência para a produção de audiodescrição de qualidade na TV aberta. O Decreto nº 7.612/2011, por sua vez, garante que órgãos públicos disponibilizem informações em formatos acessíveis, incluindo a audiodescrição, assegurando o acesso à informação para todos. A Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015) é um marco nesse processo, pois define a audiodescrição como um direito fundamental e prevê sua obrigatoriedade em diversos contextos, como programas de televisão, filmes, peças teatrais e eventos culturais.

Ainda tem-se a Instrução Normativa nº 128/2016 da Agência Nacional de Cinema (ANCINE), que garante que as salas de cinema ofereçam recursos de acessibilidade, como a audiodescrição, em todas as sessões, mediante solicitação do espectador. Além da legislação federal, diversas leis estaduais e municipais também abordam a obrigatoriedade da



audiodescrição em seus contextos específicos. Para regulamentar esta Instrução Técnica, a Associação Brasileira de Normas Técnicas apresenta, em setembro de 2016, a NBR 16.452, que visa normalizar a produção da audiodescrição para garantir a qualidade da acessibilidade aos serviços e produtos audiovisuais e atender às necessidades das pessoas com alguma deficiência, principalmente cognitiva ou visual, com equidade de direitos

O Ministério da Educação (MEC) tem incentivado a produção de materiais didáticos com audiodescrição digitais e também investido em formação continuada como a Introdução à Audiodescrição e Consultoria, realizada pelo Instituto Benjamin Constant em 2024, garantindo a inclusão de alunos com deficiência visual no sistema educacional. A sociedade civil também tem se mobilizado para promover a inclusão da audiodescrição em diversos setores, como museus, teatros e plataformas. Apesar dos avanços, ainda há desafios a serem superados. A produção de audiodescrição de qualidade exige profissionais capacitados e investimentos em tecnologias assistivas. A conscientização da sociedade sobre a importância da audiodescrição também é fundamental para que esse recurso seja efetivamente utilizado e valorizado.

A audiodescrição não é apenas uma ferramenta de acessibilidade, mas também um instrumento de inclusão social e cultural, que permite que pessoas cegas ou com baixa visão vivenciem experiências completas e significativas, ampliando suas possibilidades de participação e interação com o mundo. Para reforçar essa perspectiva, está em tramitação o Projeto de Lei nº de 2023, apresentado pela Deputada Dayany Bittencout, que altera a Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015 para estabelecer a obrigatoriedade da disponibilização de recursos de acessibilidade nas sessões plenárias e eventos do Poder Público, além de inserir o recurso de comunicação como obrigatório no sistema educacional para pessoas com deficiência visual.

O presente texto pode ampliar o público da AD, incluindo agora o guia-intérprete e a pessoa com surdocegueira. Nesse processo, o meio social e cultural no qual o sujeito está inserido é de grande importância. Ao interagir com as pessoas, nos ambientes domiciliar, comunitário e escolar, o indivíduo surdocego se apropria gradativamente da linguagem, internalizando seus significados e reelaborando-os diante de suas experiências pessoais, interesses e necessidades. Os significados só adquirem uma natureza psicológica quando entram em contato com esses outros fatores e é nessa interação que os significados adquirem um sentido pessoal.

Os exemplos a seguir podem ofertar à pessoa surdocega possibilidades de internalizar situações, emoções ao realizar-se concomitantemente com a audiodescrição:

Figura 1 – Sinal háptico para “sim”: Com a mão esquerda fechada, o guia-intérprete deve tocar levemente, por trás, duas vezes, o ombro do surdocego



Fonte: Witcombe (2019, on-line)

O guia-intérprete pode orientar à pessoa surdocega a partir de alguns questionamentos:

- a) O que você acha que pode ser esse sinal?
- b) Fazendo a datilologia, caso não conheça o sinal, poderia fazer para mim a palavra?
- c) Caso saiba o sinal, pode me dizer qual a significação dessa palavra para você?
- d) Que outro significado você pode atribuir a esse sinal? É possível?

Esses mesmos questionamentos podem ser ampliados, tal como o sinal a seguir:

Figura 2 – Sinal háptico para “sorriso”: Com a mão fechada e o dedo indicador em riste, o guia-intérprete faz, em movimento semicircular ascendente, de fora para dentro de um ponto próximo da axila da pessoa surdocega, parando o dedo logo no meio do bíceps.



Fonte: Witcombe (2019, on-line)

Wittcombe ainda nos traz um ponto importante: como sinalizar as emoções de/para uma pessoa surdocega? A surdocegueira apresenta desafios únicos para a comunicação e expressão de emoções. A ausência da visão e da audição limita a percepção das pistas visuais e auditivas que normalmente usamos para interpretar as emoções dos outros, como expressões faciais, linguagem corporal e tom de voz.

Figura 3 – Sinal háptico para surpresa/choque: Na imagem à esquerda, as pontas dos dedos estão unidas, tocando o bíceps. Na imagem à direita, os dedos se separam como uma explosão, as pontas formam uma aranha.



Fonte: Witcombe (2019, on-line)

Outra opção é utilizar toques rápidos e inesperados podem simular a sensação de sobressalto, transmitindo a ideia de surpresa. Na audiodescrição, isso pode ser usado para descrever as emoções dos personagens de forma mais vívida e imersiva.

Ao apresentar os sinais hápticos acima, é possível reforçar ainda mais a capacidade de representação, possibilitando ao indivíduo surdocego fazer relações mentais, evocar o passado, planejar o futuro, através das relações sociais que os sistemas simbólicos estabelecidos são compartilhados, possibilitando assim a apropriação individual (internalização) do universo cultural.

Batista (2006) reforça o quanto estas interações são importantes trazendo a teoria de Vygotsky sobre a formação de conceitos, e que ele atribuía grande importância aos conceitos (ou significados das palavras) para o funcionamento cognitivo, afirmando que, sem eles, não são possíveis as formas superiores de pensamento e linguagem. Embora defendesse a importância do meio social na formação de conceitos, o autor não considerava este um processo reprodutivo, mas um processo produtivo, fruto da atividade de pensamento da criança e resultado de um longo processo de desenvolvimento.



4. NÃO CONCLUINDO, MAS MUDANDO PERSPECTIVAS

Embora a surdocegueira apresente desafios substanciais, é importante reconhecer as diversas habilidades e pontos fortes dos indivíduos surdocegos. Muitos alcançaram feitos notáveis em vários campos, mostrando o potencial de crescimento e sucesso apesar de limitações sensoriais significativas.

Compreender e reconhecer as experiências dos surdocegos pode promover uma sociedade mais inclusiva, incentivando o desenvolvimento de tecnologias, serviços e ambientes que atendam às diversas necessidades de todos os indivíduos, independentemente das suas capacidades sensoriais.

Embora a Comunicação Social Haptica (CSH) seja uma ferramenta valiosa para descrever emoções para pessoas surdocegas, algumas dificuldades ainda persistem. A subjetividade das emoções, por exemplo, torna difícil traduzi-las em toques precisos, já que a interpretação pode variar entre indivíduos. Além disso, representar a intensidade de uma emoção, como a diferença entre uma leve alegria e uma euforia intensa, pode ser um desafio. A complexidade aumenta quando consideramos a combinação de emoções, como a mistura de tristeza e raiva, que exige nuances sutis na comunicação tátil.

Para superar esses obstáculos, algumas estratégias são essenciais. Primeiramente, a criação de um repertório de toques personalizado, construído em conjunto com a pessoa surdocega, garante clareza e consistência na comunicação. A combinação da CSH com outras formas de comunicação, como o Braille tátil ou a Libras tátil, enriquece a descrição das emoções, complementando as informações transmitidas pelo toque. Por fim, a observação atenta das reações da pessoa surdocega aos toques permite que o comunicador ajuste sua abordagem e assegure a compreensão da mensagem emocional.

A surdocegueira não é apenas uma condição de silêncio e escuridão; é uma experiência humana rica e complexa que desafia as definições convencionais de comunicação e interação. Através da inovação, da empatia e do apoio, podemos capacitar indivíduos com surdocegueira para levarem vidas significativas e contribuírem com as suas perspectivas únicas para o mundo.

5. REFERÊNCIAS

ABNT. Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 16.452, de 01 de setembro de 2016.
Acessibilidade na Comunicação - Audiodescrição. Disponível em:
<https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/ABNT%20-%20Acessibilidade.pdf>.
Acesso em: 16 jan. 2025.



BATISTA, Cecília Guarneri, Formação de Conceitos em Crianças Cegas: Questões Teóricas e Implicações Educacionais. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Jan-Abr 2005, Vol. 21 n. 1, pp. 007-015. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/ptp/a/G5wCgjwHtvyT8ts6jpR9cjB/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 01 jul. 2023.

BOSCO, Ismênia Carolina Mota Gomes; MAIA, Shirley Rodrigues; MESQUITA, Sandra Regina Stanziani Higino. **A educação especial na perspectiva da inclusão escolar surdocegueira e deficiência múltipla**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2010. Disponível em: <https://central3.to.gov.br/arquivo/299632/>. Acesso em: 27 ago. 2023.

BRASIL. **Lei brasileira de inclusão da pessoa com deficiência** [recurso eletrônico]. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015, que institui a Lei brasileira de inclusão da pessoa com deficiência (Estatuto da pessoa com deficiência). Câmara dos Deputados. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2015. (Série legislação ; n. 200)

BRASIL. MEC. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. **Grafia Braille para a Língua Portuguesa**. Brasília-DF, 2018, 3^a ed., 95p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2018-pdf/104041-anexografia-braille-para-lingua-portuguesa/file>. Acesso em: 16 jan. 2025.

BRASIL. **Lei nº 14.704**, de 25 de outubro de 2023, que altera a Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010, para dispor sobre o exercício profissional e as condições de trabalho do profissional tradutor, intérprete e guia-intérprete da Língua Brasileira de Sinais (Libras). Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2023-2026/2023/Lei/L14704.htm. Acesso em: 16 jan. 2025.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Projeto de Lei nº 5594**, de 21 de novembro de 2023, que altera a Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015 para estabelecer a obrigatoriedade da disponibilização de recursos de acessibilidade nas sessões plenárias e eventos do Poder Público e insere a ferramenta da audiodescrição como ferramenta de comunicação que deverá ser disponibilizada no sistema educacional para pessoas com deficiência visual. Disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarIntegra?codteor=2361342&filename=PL%205594/2023. Acesso em: 16 jan. 2025.

CAMBRUZZI, Rita de Cássia Silveira; COSTA, Maria da Piedade Resende da. **Surdocegueira: Níveis e formas de comunicação**. São Carlos: EDUFSCar, 2016.

DÍAZ CINTAS, Jorge. Por una preparación de calidad en accesibilidad audiovisual. **Trans: Revista de Traductología**, n. 11, 2007, p. 45-59.



DÍAZ CINTAS, Jorge. Traducción audiovisual y accesibilidad. In: HURTADO, Jiménez Catalina (Org.) **Traducción y accesibilidad**. Subtitulación para sordos y audiodescripción para ciegos: nuevas modalidades de Traducción Audiovisual. Peter Lang, Frankfurt, 2007a.

FRANCO, Eliana P. C. Audiodescrição e deficiência intelectual: Um estudo sobre o papel do usuário. **Inventário**, 2018, n. 21, p. 1-17. Disponível em:
<https://periodicos.ufba.br/index.php/inventario/article/view/27458>. ISBN 1679-1347. Acesso em 08 nov. 2020.

LAHTINEN, Riita; PALMER, Russ. **History of Social-Haptic Communication**. Disponível em: https://www.russpalmer.com/_files/ugd/5403a4_ae8ad97a174494fd6ad0C0f90c0510082.pdf. Acesso em: 03 ago. 2023.

LOYOLA, Nilton Alejandro Cuellar. **Interface háptica de cinco graus de liberdade para teleoperação e manipuladores robóticos**. 2012. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Engenharia Mecânica) Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=21171&idi=1>. Acesso em: 16 jan. 2025.

MAIA, Shirley Rodrigues. **Saberes e fazeres pedagógicos na surdocegueira**. São Paulo: Editora SENAC, 2021.

MELLO, Márcia Noronha de; BERNARDO, Elisangela. Aspectos gerais e possibilidades educacionais na surdocegueira. **Revista Benjamin Constant**, n. 55, 2013, p. 5-11.

MOTTA, Lívia Maria Villela de Mello. **Audiodescrição na escola**: Abrindo caminhos para leitura de mundo. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.

PALMER, Russ; LAHTINEN, Riita. **History of Social-Haptic Communication**. Disponível em: <https://www.deafblindinformation.org.au/wp-content/uploads/2016/01/history-of-social-haptic-communication.pdf>. Acesso em: 16 ja. 2025.

Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. **LABTATE** - Laboratório de Cartografia Tátil e Escolar. Disponível em: <https://labtate.ufsc.br>. Acesso em: 16 jan. 2025.

VILELA, Elaine Gomes. **A comunicação social haptica e suas vias de construção**: narrativas e experiências de guias-intérpretes e pessoas com surdocegueira em processos formativos. 2022. Tese (Doutorado em Educação) – Diretoria de Pós-Graduação e Pesquisa, Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2022. Disponível em:
<http://tede.metodista.br/jspui/bitstream/tede/2267/2/Elaine%20Vilela2.pdf>. Acesso em: 18 mai. 2023.

VILELA, Elaine Gomes. **Educação de surdocegos**: perspectivas e memórias. [Recurso eletrônico]. Curitiba: Appris, 2020.

WITCOMBE, Dennis. **Social-Haptic Communication**. Disponível em:
https://ableaustralia.org.au/wp-content/uploads/2020/01/Social-Haptic-Communication-sample-for-website_v2.pdf. Acesso em: 03 ago. 2023.